



O espaço discursivo de bibliotecas: o caso de livros infantis

Phellipe Marcel da Silva Esteves

UFF

<http://orcid.org/0000-0002-6128-6706>

phellipemarcel@gmail.com

Nathalia Batista Pereira

UFF

<https://orcid.org/0000-0002-8642-2989>

nathaliabatistapereira@gmail.com

Gustavo José Pinheiro

UFF

<https://orcid.org/0000-0001-6731-4459>

gustavo_j.p@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, filiados à Análise do Discurso materialista, à História das Ideias Linguísticas e à História do Livro (compondo aquilo que temos chamado de História Discursiva dos Livros), nos propomos a lançar um olhar para o espaço das bibliotecas, pensando-as inicialmente como instituições e, posteriormente, como metáfora. No estudo em tela, observamos, então, como essas instituições têm seus sentidos deslizados para livros infantis, livros-brinquedo (como a *Minha pequena biblioteca*, da Fisher-Price), que, ao lançar categorizações das coisas a saber fundamentais da infância, acabam por significar raças e gêneros dos corpos da formação social.

PALAVRAS-CHAVE: Interpelação ideológica; Institucionalização; Livros infantis.

The discursive space of libraries: the case of child books

ABSTRACT

At this article, based on materialistic Discourse Analysis, History of Linguistic Ideas and Book History (intertwined in what we have been calling Discursive History of Books), we aim to look toward libraries space, considering them respectively as institutions and metaphors. We thus observe how these institutions see their meanings slid to child books, toy-books (such as Fisher-Price's *Minha pequena biblioteca*), that produce meanings of race and gender as they categorize the most fundamental childhood things-to-know.

KEYWORDS: Ideological interpellation; Institutionalization; Child books.



1. Instituição, instrumento, aparelho: arquivo

A Análise do Discurso já vem há décadas pensando em como tratar discursivamente as instituições, historicizando-as sem priorizar leituras *a priori* dos discursos nelas formulados:

As instituições com suas normas e regras são também resultantes de longos processos de linguagem. (...) Um discurso institucional não existe sem uma história que o constitui. Por esse motivo, acredito ser imprescindível percorrer a historicidade constitutiva da formação de uma instituição para melhor compreender sua produção discursiva. (...) As instituições que se estabelecem tornam-se visíveis socialmente através de práticas e/ou rituais sociais, pela circulação de seus produtos e, sobretudo, através dos sistemas de normas e leis (ou seja, mais discursos) que vão se organizando conforme o discurso institucional vai se moldando, e vice-versa (MARIANI, 1996, p. 70-71).

Na esteira da proposta de Mariani, devemos pensar no investimento linguageiro que uma instituição recebeu ao longo de sua história, no constante batimento com o funcionamento ideológico. Discursivamente, podemos pensar as instituições como os lugares empíricos de concretização dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), noção também à qual sempre é necessário voltar: “Designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1980 [1970], p. 62). É por isso que chamamos as instituições de lugares empíricos em que os aparelhos ideológicos operam: é a elas que o observador imediato é apresentado, e é nelas que corre a ideologia no sentido de produzir evidências e de significar singularmente cada espaço como se desligado do funcionamento social. Em outras palavras, de bibliotecas de *status* como uma Biblioteca Nacional a uma biblioteca de bairro ou uma biblioteca comunitária, há diferenças, mas há também uma mesma regularidade de reprodução das condições sócio-históricas de existência do sujeito, do sentido, da língua etc. Com isso, afirmamos em uma primeira reflexão que as instituições, no nosso caso as bibliotecas, funcionam em correlação aos AIE e, por sua vez, atuam como “ponte” entre estes e os instrumentos linguísticos, dos quais falaremos mais à frente. Isso quando, como em nossa hipótese, instrumentos linguísticos não se instauram sob o imaginário de uma instituição. Nosso objetivo é refletir sobre essas relações com o funcionamento do ideológico e do linguístico, bem como desenvolver discursivamente o que são as bibliotecas para o campo da Análise do Discurso, o que iniciamos aqui mas seguirá em trabalhos futuros. Ainda segundo Althusser, “a escola (mas também outras instituições do Estado, como a Igreja e outros aparelhos como o Exército) ensina o “*know-how*” mas sob formas que asseguram a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua “prática” (ALTHUSSER, 1980 [1970], p. 51-52). Entre essas “outras instituições do Estado”, figura a biblioteca, como instituição que, no quadro desenhado por Althusser, se inseriria no aparelho ideológico de Estado cultural. Se o aparelho ideológico de Estado cultural interpela o sujeito de modo a constituir nele os sentidos do que é cultura – e de como ele deve ser “culturalmente” –, é no ingresso nas instituições desses AIEs que esse processo se dá. Nesse sentido é que é importante reconhecer as políticas públicas e também as práticas cidadinas que fundaram e fundamentaram o surgimento e proliferação de bibliotecas.

Falando propriamente da Europa do século XVII e da novidade de novos sítios de discussão sobre o conhecimento, Burke nos ajuda a pensar em como, para além das universidades (ainda estreitamente vinculadas ao saber e controle eclesiásticos), a construção coletiva de ideias as mais diversas se dava:

O que era comum a esses novos [século XVII] “lugares e bases de cultura” [museus, academias, sociedades, bibliotecas etc.], (...) era o fato de que ofereciam oportunidades para inovação – novas ideias, novas abordagens, novos tópicos – e para os inovadores, fossem ou não academicamente respeitáveis. O incentivo à discussão nesses lugares também merece destaque. Os debates intelectuais devem muito às formas de sociabilidade e, portanto, aos contextos sociais em que têm lugar, desde a sala de seminários até as mesas dos cafés. Nos primórdios da Europa moderna, as sociedades de estudiosos ajudaram a criar uma identidade coletiva para os letrados e encorajaram o desenvolvimento de comunidades intelectuais, tanto os pequenos grupos mais íntimos quanto a comunidade mais ampla da República das Letras (...), ligadas por visitas e sobretudo por correspondência. Numa palavra, o que foi chamado de “a importância de se institucionalizar” não deve ser esquecido (BURKE, 2003 [2000], p. 47).

Assim, bibliotecas – como museus, academias, sociedades, laboratórios, observatórios, gabinetes, arquivos, livrarias, cafés e chás – são “instituições” responsáveis pela produção de pensamento “coletivo” que podia inclusive ir ao encontro das ideias hegemônicas no Estado. Instituições que potencialmente faziam furo na ideologia dominante ou aderiam a ela, contribuindo para a reprodução das relações de classe. É necessário pensar nelas quando colocamos em questão como a ciência se formulou nos últimos séculos, para além das universidades. Nas palavras de Colombat, Fournier e Puech (2017 [2010], p. 41), há “A necessidade de uma ancoragem social e institucional: não se pode jamais esquecer o contexto no qual as teorias emergem”. É necessário reconhecer a vinculação, senão a determinação, entre a aparição de sistematizações e descrições das condições de existência humana de modo geral às condições sociais e institucionais desse modo de teorização, o que se dá via “língua”.

Não temos pretensão de fazer um *pot-pourri* teórico, embora talvez esse seja o efeito com nossa bibliografia diversa, mas nos sentimos compelidos a isso para retomar uma proposta lançada mas não aprofundada há alguns anos: a diferença entre instrumentos de saber metalinguístico e instrumentos linguísticos de metassaber, retomando a noção de “instrumentos linguísticos” formulada por Sylvain Auroux (1992):

(...) os instrumentos linguísticos de metassaber (enciclopédias, no caso desta pesquisa) funcionam de modo a descrever as ciências, as artes, as coisas, a história, as técnicas, e acabam por significar também as línguas – e isso se dá, por exemplo, já pela escolha da organização do conhecimento (...). Enquanto os instrumentos de saber metalinguístico ocupam um espaço em que se pretende descrever a língua pela língua (metalinguagem), os instrumentos linguísticos de metassaber ocupam outro, que se inscreve no desejo de descrever o saber pelo saber (metassaber), e necessariamente pela língua como base material (ESTEVES, 2017, p. 63).

Operamos aqui, novamente, uma leitura generosa e ampla da teorização empreendida no campo da História das Ideias Linguísticas. Em vez de restringirmos instrumentos linguísticos



a tão somente objetos de descrição e instrumentação de línguas, reservamos a essa conceitualização os instrumentos de saber metalinguístico. Instrumentos linguísticos, assim, seriam objetos que funcionariam eminentemente pelo uso da língua. “Objetos de língua” que ora promoveriam uma transferência de saberes metalinguísticos, ora promoveriam uma transferência de metassaberes, ora colocariam em praça esses dois gestos de transferência, quase indistintamente. A depender do modo dominante de funcionamento, portanto, chamamos esses objetos de instrumentos de saber metalinguístico ou de instrumentos linguísticos de metassaber. No caso das bibliotecas como instituição, nelas não é efetuada apenas a guarda de instrumentos desses dois tipos, mas também se circula por língua: placas, códigos, fichas, portas com numeração e letras, acervos digitalizados, busca eletrônica ou no papel, formulários de empréstimo, formulários de retirada, formulários de pedido de fotocópia e/ou fotografia e, enfim, os próprios nomes das bibliotecas. Há, assim, uma série de práticas de leitura intrínsecas às bibliotecas e, por isso, consideramo-las como instrumentos linguísticos de metassaberes análogas às próprias enciclopédias, com as quais tanto são comparadas. Não à toa, bibliotecas, enciclopédias, dicionários e publicações de modo geral (mas sobretudo as “raras e preciosas” que fossem “de grande interesse para a cultura nacional”) foram os objetos priorizados quando em 21 dezembro de 1937 o governo golpista de Getúlio Vargas fundou o Instituto Nacional do Livro por meio do Decreto-lei n. 93: “As três secções técnicas se denominarão Secção de Enciclopédia e do Dicionário, Secção das Publicações e Secção das Bibliotecas” (BRASIL, 1937). A nacionalidade como saber se colocava numa conjuntura dominada por poucos espaços de leitura, menos ainda para as classes oprimidas:

A Primeira República, dominada pela propaganda da educação escolarizada, fracassou na expansão da instrução no conjunto do país. Em 1890 havia 85,2% de analfabetos na população brasileira e em 1930 ainda eram 68%. § Ainda assim, a criação de grupos escolares na República em cidades do interior (especialmente no estado de São Paulo) e de bibliotecas foi maior do que no período imperial. Entre as bibliotecas criadas entre 1890 e 1930, 58,2% eram escolares, 17,9% especializadas, 7,1% universitárias, 5,1% públicas, 6,7% eram populares (a maior parte destas foi criada nos anos de 1920) (SECCO, 2017, p. 35).

Falta sistematização e sistematicidade aos espaços de leitura brasileiros até a fundação do Instituto Nacional do Livro (e também depois, apesar da centralização no órgão federal), e ao longo das décadas as bibliotecas também vão sofrendo com a carência de títulos de certa ordem, em muito devido à própria censura (idem, p. 137ss).

É com essa condição simbólica oscilante – sempre reconhecida como um equipamento cultural, como uma instituição que não deve faltar à cultura do Estado (seja em seu caráter nacional(ista), seja vinculada a certos nichos, como o religioso, o maçônico, o político-partidário etc.), mas contando com baixo investimento financeiro público e privado e vítima dos autoritarismos eventuais – que as bibliotecas vêm sendo significadas no Brasil. Podemos afirmar, portanto, que esse instrumento (ou mesmo aparelho) linguístico de metassaber é disputado como espaço de produção de ideias, nacional e internacionalmente. Na próxima seção, observaremos como, a partir de “espaço”, ele se torna “livro-brinquedo”.

2. De bibliotecas como instituições a bibliotecas como livros: *Minha pequena biblioteca*

É apenas com a imprensa que as bibliotecas passam a concorrer com outras instituições do AIE cultural, dada não apenas a proliferação de livros, mas também a transformação social implicada pela circulação de ideias que fugissem ao teocentrismo:

A biblioteca aumentou de importância, assim como de tamanho depois da invenção da imprensa. Dentro da universidade, começava a rivalizar com a sala de conferências, pelo menos em certos lugares. A Universidade de Louvain ainda declarava em 1639 que uma biblioteca era desnecessária porque “os professores são bibliotecas ambulantes”, mas em Leiden, ao contrário, a biblioteca abria duas vezes por semana e os professores às vezes emprestavam suas chaves aos estudantes. Fora da universidade, algumas bibliotecas privadas ou públicas (...) se tornaram centros de estudos, locais de sociabilidade culta e de troca de informações e ideias, além de serem lugares de leitura. A exigência de silêncio nas bibliotecas teria sido impossível e até inimaginável nessa época. Como a livraria e o café, ela encorajava a combinação da comunicação oral com a impressa. Não surpreende pois que a reforma das bibliotecas tivesse lugar na reforma do ensino baconiana planejada na Inglaterra em meados do século XVII. Os bibliotecários, segundo um reformador, John Durie, deveriam ser “agentes para o progresso do saber universal” (BURKE, 2003 [2000], p. 56).

Parece-nos extremamente relevante, da citação acima, que a imagem de lugar silencioso que é associada a bibliotecas seja algo recente. O pedido por silêncio nesses espaços tem sido regra, e de bibliotecas escolares a bibliotecas nacionais as vozes sussurradas e às vezes elevadas em diálogos diante do que se lê nos livros não são nada escassas. Pelo contrário: bibliotecas suscitam vozes. Falas. Emoções. Às vezes, gritos. Uma língua que não cabe no Estado capitalista e que é justamente padronizada num de seus aparelhos. Nas bibliotecas, disciplina-se a voz. No caso do estudo em tela, um livro que se diz biblioteca estaria indo para, talvez, o caminho oposto em relação à disciplinação de voz. Esse livro pode ser lido silenciosamente, mas também em voz alta (sobretudo quando para crianças), e não apenas: é discutido, narrado, explicado em voz alta nos âmbitos familiar e escolar.

Não tem sido raro o lançamento de livros que se prometem como bibliotecas. Esse deslizamento de sentido é possível por diversos motivos: primeiramente, a presença de bibliotecas no Brasil foi mais uma exceção que uma constante; em segundo lugar, bibliotecas são espaços extremamente heterogêneos marcados materialmente pela presença de livros e por certa divisão interna do espaço, certa categorização/catalogação por título e assunto. Assim é que, tanto na língua do Brasil quanto em outras, encontram-se títulos como *Biblioteca de heróis*, *Biblioteca de espécies*, *Biblioteca de cervejas* etc.¹ Esses títulos às vezes são de livros, de coleções, de coletâ-

¹ Relevante notar que essa prática de nomeação de um livro ou de uma pequena coleção de livros como “biblioteca” não é exatamente recente. Em rápida pesquisa no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional, encontramos a publicação da coletânea *Biblioteca da língua portuguesa*, de Alpheu Tersariol, publicada entre as décadas de 1960 e 1980, contando com 8 volumes. Respectivamente, conforme edição atualizada em 1982: Origem da língua portuguesa, Formulário ortográfico gramatical, O estudo dos verbos, Flexão e classificação das palavras, Exercícios de revisão gramatical, Dicionário de sinônimos da língua portuguesa, Dicionário de antônimos e de vocábulos acentuados, Noções de redação literária e comercial. Pela mesma editora (Lisa), e também em 1982, é lançada a Biblioteca de matemática moderna, de Antonio Marmo de Oliveira e Agostinho Silva, com

neas; outras vezes de portais da *internet*, outras de aplicativos de celular. O que nos importa é que a espessura das bibliotecas como instrumento linguístico de metassaber que institucionaliza determinados conhecimentos, determinada ordem de vida, transborda os espaços de leitura. No que diz respeito a esse tipo de livro-biblioteca voltado a um público leitor imaginário infantil (passando ou não pela intermediação de outros), podemos dizer que não é exatamente uma novidade. Em 1941, apenas para dar um exemplo, saía a *Biblioteca da petizada*, livro de contos ilustrados com 91 páginas publicado sob a autoria de Frei Ildefonso Schutje, um sacerdote católico holandês radicado no Brasil. Já é digno de nota o entrecruzamento de diferentes posições de classe entre autoria, leitura, circulação desses livros-biblioteca para crianças: igreja, família, cultura, escola em 1941.

Para este artigo, tomamos como caso a ser analisado um livro-brinquedo-biblioteca, a *Minha pequena biblioteca* (FISHER-PRICE, 2018), publicada pela multinacional de produtos infantis e para bebês Fisher-Price em parceria com a editora brasileira Ciranda Cultural e recomendada para pessoas “a partir de 6 meses // Pré-leitor”. A caixa² em que os seis livros da biblioteca vêm acomodados é composta por um desenho de natureza (grama, uma única árvore e arbusto em verde claro e escuro) e contém um urso-panda (preto e branco), um leão (bege e de juba vermelho), um elefante (azul e de orelhas marrom), uma abelha, uma borboleta (amarela de asas azuis, junto a um quadro indicando os temas dos livros: cores, números, formas, animais, saudações e opostos), um sapo (azul), uma girafa (amarela) e dois macacos (uma rosa e um azul).

Essa caixa se abre para seis pequenos livros, de 6cm x 6cm, com 10 páginas cada, impressos em papel cartão grosso repleto de cores, cada um com um referente discursivo distinto: *Cores*, *Números*, *Formas*, *Animais*, *Saudações* e *Opostos*. O livro-brinquedo-biblioteca é vendido em diversas páginas da *internet*, mas também em livrarias, lojas de decoração e móveis infantis, lojas de brinquedos, lojas de departamentos e, enfim, livrarias. Foi justamente numa loja de móveis que nos deparamos com o livro, e o elegemos para ser analisado neste artigo em função disso: uma “pequena biblioteca” num espaço não predominantemente associado a livros. Entretanto, não podemos dizer que esse foi o único motivo que nos chamou a atenção. Considerando-se o efeito “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018), que “possibilita a explicitação de processos de continuidade/descontinuidade ou de construção de paráfrase/polissemia” num “estabelecimento das relações entre palavras no interior do mesmo dicionário” (PETRI, 2018, p. 56), pensamos aqui não necessariamente num dicionário, nem mesmo no interior de um mesmo instrumento, mas propriamente na construção de paráfrases entre os títulos de diferentes livros-biblioteca. “Pequena”, para nós, soou como “primeira” em diversas leituras, e nos pegamos parafraseando o

5 volumes. A saber: Aritmetica, geometria plana, teoria de conjuntos; Geometria analitica, estruturas matematicas, geometria das transformacoes, algebra; Trigonometria, calculo vetorial, determinantes, sistemas lineares, analise combinatoria; Binomio de Newton, polinomios, derivadas, progressoes, limites, calculo integral; Funcao de diversas variaveis, derivacao, operadores diferenciais, integrais, transformada de laplace, exercicios. Mantivemos a grafia conforme encontrada no motor de busca da instituição. É notório o interesse em publicar “bibliotecas” que possam circular nos espaços escolares, como instrumentos de formação em disciplinas interpretadas como fundamentais: português e matemática.

² Infelizmente até o fechamento da edição, não havia sido obtida autorização da editora para publicação de imagens. Logo, optamos pela descrição do material, mesmo entendendo ser de importância essencial a visualização do mesmo para uma melhor compreensão de nosso procedimento analítico.

título para *Minha primeira biblioteca* em atos-falhos, equivocando os sentidos. Essa leitura nos pareceu ainda mais enquadrada numa rede de sentidos quando, em uma loja de brinquedos, encontramos um livro-brinquedo-biblioteca parecido, com o mesmo formato: a *Galinha Pintadinha: Minha primeira biblioteca*, editada pela mesma editora. Livro-puxa-livro. Fomos instados a acessar o site da Ciranda Cultural e buscar por “bibliotecas” publicadas pela editora.

Encontram-se 9 resultados.³ À exceção da Biblioteca Escolar Ciranda da Leitura, composta por 1.500 livros, os outros oito títulos assemelham-se: todos caixas com seis livros impressos em papel cartão bem grosso, repletos de cores e ilustrações. Alguns deles com referências a personagens infantis da moda, que circulam mais ou menos efemeramente no discurso de entretenimento voltado a crianças: Patati Patatá, Lady Bug, Galinha Pintadinha, Turma da Mônica. O livro-brinquedo-biblioteca que nos chama atenção, entretanto, possui uma marca que o diferencia dos demais, todos caracterizados por um entrecruzamento com o discurso do entretenimento infantil pelos personagens que dão nome às publicações. Ademais, no objeto aqui trazido observamos traços superinfantilizados, o que reforça o equívoco (ou permite um deslize de sentido) de “pequena” por “primeira”. No caso de *Minha pequena biblioteca* da Fisher-Price, não se trata de um livro relacionado a desenhos animados, histórias em quadrinhos ou personagens circenses. Trata-se de se relacionar, de se fazer significar a partir de uma marca multinacional que vende produtos-mercadorias infantis em diversos âmbitos. Além de tudo, há uma paráfrase entre o desenho dos animais da referida biblioteca e mesmo o lenço umedecido, usado para a troca de fraldas de bebês. A embalagem contém os mesmos leão e elefante que estampam a caixa da *Minha pequena biblioteca*, porém somente em contorno, totalmente brancos, como a maior parte da embalagem.

Um já-visto se faz reconhecido, mesmo sem que se saiba, sobretudo para a posição sujeito parental. Remonta um elemento da memória discursiva e faz encenar um reconhecimento imediato do leitor aos personagens do livro, ainda que não se entenda donde provém tal reconhecimento. Se, conforme já dissemos, são diversas as posições de classe entre autoria, leitura, circulação desses livros-biblioteca para crianças (igreja, família, cultura, escola) num livro como a *Biblioteca da petizada* de 1941; e se nos livros-biblioteca da Ciranda Cultural elas entram em convergência também com o discurso do entretenimento infantil, com personagens como os da Turma da Mônica, na obra da Fisher-Price atua também outra discursividade. O que entra no jogo não é da ordem de um desenho animado. A âncora, o atrativo em termos publicitários, para a compra do livro não é uma coleção decorrente da carreira de décadas de dois palhaços como Patati Patatá. A posição de classe que passa a fazer parte da vida da criança desde logo cedo é a “corporativa”. Vejamos o contraste nos títulos:

Turma da Mônica - Biblioteca de boas maneiras

Galinha Pintadinha - Minha primeira biblioteca

Patati Patatá - Biblioteca divertida

³ Os resultados podem ser encontrados no site pelo link <<https://www.cirandacultural.com.br/busca/biblioteca>>.

Ladybug - Biblioteca dos heróis
Galinha Pintadinha Mini - Minha biblioteca
Fisher-Price - Minha pequena biblioteca

Quem ocupa a posição de fornecer saberes à altura de bibliotecas para crianças não são Turma da Mônica, Galinha Pintadinha, Patati Patatá ou Ladybug. Esse sujeito passa a ser uma empresa: a Fisher-Price. E não para por aí: no site da Ciranda Cultural, há outros 65 títulos de livros que fazem parte da coleção que leva o nome dessa empresa, com algumas variações no traço dos desenhos, mas muitos ainda em movimento parafrástico em relação ao que vimos referente ao desenho no pacote de lenços umedecidos.

Falamos, então, de um livro-brinquedo-biblioteca em muito voltado aos aparelhos ideológicos de Estado família e escola, constituídos por distintas e assimétricas posições, mas também pela posição sujeito corporativo, que passa a ocupar esse lugar de detentor de conhecimentos. Nesse caso, há aquelas posições de quem compra-e-lê os livros (pai, mãe, professor, professora, pedagogo, pedagoga etc.) e a de quem pede-e-escuta os livros (bebês e crianças). Em *Análise do Discurso*, pouco abordamos essas posições tão heterogêneas, sobretudo a da infância, mas é necessário, sim, sobretudo quando tratamos de uma materialidade que atua no âmbito da constituição das memórias individuais mais primevas, diferenciarmos. A ideologia interpela os indivíduos em sujeitos aqui de distintos modos: (a) por parte da posição de quem compra-e-lê os livros, recuperando da memória discursiva o estatuto simbólico das bibliotecas como instituições de formação da cultura do indivíduo e (b) por parte da posição de quem pede-e-escuta os livros, constituindo memória discursiva de que as bibliotecas são responsáveis pelos conhecimentos de modo geral, dos mais fundamentais aos mais aprofundados. É assim que o Guia de leitura presente na caixa da *Minha pequena biblioteca* relaciona-a aos “Primeiros conceitos” e, nesse sentido, podemos pensar em como a interpelação da ideologia com esse objeto vai constituindo as coisas a saber (PÊCHEUX, 2006 [1983]) imaginadas como mais essenciais para a vida do sujeito. Veremos isso na próxima seção.

Antes abrimos um breve parêntese sobre essa denominação livro-“brinquedo”-biblioteca. Parece estranho associar o objeto livro a essa função de brinquedo já que este é de consumo e uso que leva à sua deterioração com o tempo. Circula dominantemente a imagem de que os livros não são consumíveis da mesma forma que um quebra-cabeça ou um brinquedo de banho (que também pode ser um livro). Eles devem ser preservados e bem-cuidados. Assim pelo menos foi sendo construído parte do imaginário sobre os livros, como por exemplo nos aponta Suaiden (2000, p. 54) ao evocar a preocupação que se tinha quanto ao uso dos livros das bibliotecas que primeiramente foram sendo construídas aqui no Brasil. Devido às dificuldades na construção dos acervos, uma das preocupações que se tinha era sobre o empréstimo do livro que poderia resultar na não devolução da obra bem como no desgaste da mesma. O livro deveria ser “permanente”, “era para ser preservado, e não consumido” (idem, p. 55). E, ainda hoje, a qualidade física de uma obra é levada em consideração na hora da montagem do acervo de algumas bibliotecas. Dito isso, vamos à próxima seção.

3. Cores, gêneros e dicotomias: coisas a saber e homogeneidade lógica

Na *Minha pequena biblioteca*, concentramo-nos especificamente em dois livros: o de *Cores* e o de *Opostos*. O de *Cores* nos interessou inicialmente por aparentemente simular um ingresso num discurso do politicamente correto. Explicamo-nos. Os livros vêm estampados com figuras de distintos animais. Alguns deles são predicados com cores verossímeis, condizentes com as imagens dominantes que circulam quanto a quais são as cores dos bichos para além da ficção. Trata-se do sapo (“verde”) e da girafa (“amarela”). Entretanto, no livro de *Cores*, há outros três animais: macaco, elefante e panda. Nem macaco nem elefante são predicados com as cores “marrom”, “preto” ou “cinza”.⁴ O macaco é “roxo” e o elefante é “azul”. Para além de essa narrativa brincar com a imaginação da criança, ela também afasta a possibilidade de se adjetivar um animal com cores que poderiam produzir efeitos de racialização humana. Contudo, adjetivos que poderiam remeter à racialidade encontram-se juntos, em paralelo, quando se predica o animal panda (bem como as borboletas que o cercam): “Branco e preto”. Em nosso gesto de interpretação, esse procedimento de fato afasta a possibilidade de se equiparar sujeitos negros a animais como macacos ou elefantes, mas, ao mesmo tempo, apaga a diversidade e também a história de violência do branco “contra” o negro.

Há formas e formas de se combater o racismo. Tratar em paralelo as cores (e os corpos) branca e preta parece-nos institucionalizar uma suposta paz social inexistente. E lugar de combate ao racismo também é no livro infantil. Que se tome como exemplo o livro *Amoras*, do escritor-poeta-rapper Emicida, que ilustra em página dupla, tipograficamente, uma fala de muitos efeitos de sentido, com polissemia aberta: “as pretinhas são o melhor que há”. Em resposta, a filha do personagem exclama: “Papai, que bom, porque eu sou pretinha também!” A oração subordinada é repetida como eco, também em página dupla, ao se virar a folha: “porque eu sou pretinha também”. Forma de não tornar paralelas cores e corpos de sujeitos que historicamente pouco caminharam juntos. Forma de significar positivamente cores e corpos que desde a infância, também historicamente, foram tratados como “o pior que há”. Levamos em conta, com essa análise, aquilo que Mariani pontuará como tensão entre narrativas:

Por mais que se possa analisar uma narrativa tomada isoladamente, deve-se ter presente que uma narrativa se constitui na relação com outras não narradas mas também possíveis. As abordagens linguísticas, sem dúvida, analisam esta questão sob diferentes ângulos: uma única narrativa feita mais de uma vez pelo mesmo falante, ou por falantes diferentes etc. Mas reportamo-nos, aqui, à tensão entre a narrativa que, sendo contada, fica na memória, com suas variações, e aquela que talvez pudesse ter sido contada, mas não o foi por injunções históricas ou inconscientes. Esta tensão, embora silenciada, se encontra inscrita nas narrativas de fato produzidas, podendo ‘transbordar’ em diferentes situações: na ordem da história e do social, por exemplo, silêncios e resistências podem

⁴ A questão das cores dos elefantes e dos macacos é um ponto complexo, pois dependendo da espécie as cores podem variar. Mesmo um macaco poderia ser branco e preto e ocupar o lugar do panda, assim como um elefante pode apresentar a cor “barro” devido ao seu hábito de se sujar com barro para proteção. Mas mesmo com essa variedade de cores, nenhuma é relacionada a esses dois animais.



eclodir a qualquer momento, levando à reescritura do narrado em um processo que sai do presente em direção ao passado (MARIANI, 1998, p. 98).

A narrativa da democracia racial parece ser encenada numa simples lição sobre as cores do panda da *Minha pequena biblioteca*, mas a narrativa esquecida, a da emancipação dos sujeitos negros, vem à tona também numa produção infantil. Resistência, e resistência já na institucionalização dos saberes da infância. Disputa pelos sentidos das cores do corpo.

Necessário, neste ponto, insistir no que Modesto (2021a, 2021b) tem chamado de discurso racializado “de modo geral”, ao se considerar que significa-se “raça”, numa formação social como a brasileira, não apenas quando se fala sobre raça, justamente porque a história colonial determina, por meio da memória discursiva e das condições de produção, as relações de classe mas também as relações entre as imagens de raça:

Quando penso nos “discursos racializados” me afasto da tipologia e do conteúdo apenas, porque não me refiro a um tipo de discurso que carregaria certo conteúdo. (...) os discursos racializados apontam para o processo de racialização das condições de produção, formulação e circulação dos discursos e não para a especificidade de um tema (como raça ou racismo). Não se trata de “falar sobre” raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc. (...) um discurso racializado, em minha perspectiva, dá conta de um funcionamento discursivo atravessado pela memória dos processos sociais e históricos de racialização os quais se manifestam não apenas nos dizeres e imagens específicos de/sobre raça, mas também nos dizeres e imagens que dissimulam seu atravessamento racial, apesar das condições sociais e históricas de uma formação social capitalista e de origem colonial nas quais se inserem (MODESTO, 2021a, p. 9).

Nos livros-brinquedo da Fisher-Price, ao racializarmos o discurso, identificamos efeitos de democracia racial, de meritocracia e de sujeito senhor de si potencializados em outra coleção, a *Quando estou...*, que, similarmente, é composta por uma caixa com seis livrinhos impressos em cartão menos espesso que o *Minha pequena biblioteca*, mas ainda assim robusto. A coleção significa seis sentimentos: feliz, triste, zangado, confiante, com saudade, com medo. No livrinho [*Quando estou...*] *Confiante*, acompanhado de imagens dos mesmos animais-personagens que ilustram a outra coleção, encontramos a seguinte textualidade:

Quando estou confiante
Sou capaz de tudo fazer.

Posso sonhar ter a profissão
Que quiser quando crescer.

“Não importa meu tamanho,
Se sou azul ou amarelo.”

Nem mesmo se prefiro tocar
Violão, banjo ou violoncelo.

Ser confiante dá a sensação

De ser forte como um leão! (FISHER-PRICE, 2017; destaque nosso)

Transcrevemos o texto como poema porque há um efeito de musicalidade nas rimas. Cada verso corresponde a uma página, sendo o primeiro de cada estrofe o que se vê na página da esquerda, o segundo o que se lê na página da direita. Vamos focar na terceira estrofe, “Não importa meu tamanho,/Se sou azul ou amarelo”, que vem acompanhada de uma girafa amarela e de um sapo azul. O livro [*Quando estou...*] *Confiante* inscreve-se num discurso meritocrático sobre o trabalho (uma vez que fala-se da “profissão/Que quiser quando crescer”) que não apenas apaga as diferenças de cor (não se trata disso), mas as destaca como se elas não significassem no que diz respeito ao mundo do trabalho. Os corpos infantis vão sendo racializados: as cores já se colocam como diferenças. Entretanto, é como se as cores dos corpos significassem apenas no campo do estético e não estivessem atreladas a relações de classe necessariamente desiguais promovidas pela história colonial-escravocrata brasileira. Nesse livro-puxa-livro que promovemos aqui, sinalizamos para o perigo principalmente de se produzirem memórias que responsabilizem crianças e adultos negros pelo insucesso... escolar e profissional, sobretudo. Afinal, bastaria ser confiante para que se alcançasse cada ambição particular.

Ainda no que tange a cores, e fazendo uso do efeito livro-puxa-livro, fomos para o volume de *Opostos*, que seguiremos analisando. Nele, encontramos uma macaca rosa, com o desenho da boca indicando tristeza e marcada em gênero feminino por possuir uma saia também rosa. Acima dela lê-se em caixa-alta e em rosa a palavra triste. Ao seu lado, abraçando-a, está o macaco roxo, com boca indicando estar feliz, e acima dele, também em caixa-alta, mas em cor roxa, a palavra alegre.

O mesmo macaco roxo do livro de *Cores* se apresenta no de *Opostos*, dessa vez ao lado de uma macaca, como dito acima, que só é caracterizada em termos de gênero em função de sua saia e de sua cor (rosa). O que é significativo nesse ponto, ao cotejarmos os dois livros, é que já se projeta um sujeito universal masculino. Quando o macaco aparece sem necessidade de contraste de qualquer característica, ele sempre é roxo e sem saia (no livro de *Números*, ao se ensinar o número “5 cinco”, aparecem quatro macacos roxos sorrindo e um macaco roxo boquiaberto, todos sem saias). Em outras palavras: mesmo ao se debruçar sobre outra espécie, essa biblioteca produz o efeito de que o universal é masculino. O feminino seria desviante (e usaria saia, e seria rosa). Notamos, portanto, que o feminino não é significado na ordem da evidência, assim como o masculino já é significado na ordem do universal: a cor rosa é reservada ao único personagem marcado como feminino, sendo esse elemento ressaltado pelo objeto saia, já pertencente a um imaginário social sobre o que se veste quando se é do sexo feminino. Em momento nenhum precisou ser marcado o sexo masculino nos macacos roxos. Assim, cores e objetos vão sendo reproduzidos e reproduzindo o imaginário e os discursos em vigor naquela formação social. Isso também se repete na língua, com a formação do feminino feita a partir do masculino (produzindo inclusive o equívoco entre gênero gramatical e gênero biológico), e nas leis, que não englobam todos ao dizer “todo homem tem direitos”. Sempre



algo é deixado de fora pela incompletude da língua, se não mesmo excluído pelo efeito do silenciamento.

Ainda no livro de *Opostos*, interessa-nos aqui pensar em como essa biblioteca funciona concomitantemente como instrumento linguístico de metassaber e como instrumento de saber metalinguístico. Cinco são as duplas de opostos materializadas: pequeno x grande, triste x alegre, devagar x rápido, dormindo x acordado, dia x noite. Um outro oposto analisado é sobre tamanhos: um sapo pequeno, agora azul, e ao seu lado, na mesma cor, em caixa-alta, a palavra pequeno. Este encontra-se sentado nas costas de uma girafa amarela e grande. Ao lado dela está escrita em caixa-alta e em amarelo a palavra grande.

Pouco importam, para este artigo, que significantes são elencados aí. No entanto, atentamos às classes gramaticais: adjetivos, verbos e substantivos. Produz-se desse modo o efeito de que a antonímia é um fato, mas não só. O livro destaca da memória do saber linguístico que seria sempre possível falar o Um e seu Inverso. O Um e seu Outro, numa disciplinação do uso linguageiro mas também das condições materiais de existência dos sujeitos. É necessário simplificar as interpretações a dois polos. É necessário polarizar. Nada há entre triste e alegre. O crepúsculo, o alvorecer, os dias nublados são subespécies do dia e da noite. Não se dorme acordado. Não há sonambulismo. Os sonhos, que nos movem dormindo-acordados, pouco importam. Não é possível rir, mesmo diante da tristeza que afoga os olhos mas permite o esticar dos lábios. Institucionalizam-se, na vida e na língua, os burros dualismos.

A idéia de que os espaços estabilizados seriam impostos do exterior, como coerções, a este sujeito pragmático, apenas pelo poder dos cientistas, dos especialistas e responsáveis administrativos, se mostra insustentável desde que se a considere um pouco mais seriamente. (...) Nesse espaço de necessidade equívoca, misturando coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, modo de emprego e escolhas políticas, toda conversa (desde o simples pedido de informação até a discussão, o debate, o confronto) é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis –com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal, para si-mesmo e/ou para os outros (PÊCHEUX, 2006 [1983], p. 33).

Devemos nos lembrar de que, para Pêcheux, pouco adiantava lutar contra a necessidade de univocidade lógica, uma vez que ela representaria a reserva de conhecimento acumulado contra toda ameaça: e o não lógico, o não racional, é ameaça aos modos de produção. Entretanto, se não adianta lutarmos contra essa necessidade do sujeito, é contingente ao trabalho do analista do discurso entender que filiações e produções de memória estão em jogo com a instauração dessas ilusórias máquinas de saber. No caso dos livros-brinquedo-biblioteca, trata-se de instituir, sim, fundamentalmente a ilusão de binariedade, que resvalará na categoria gramatical de antonímia; mas, como vimos, com isso, produzem-se efeitos diversos entre os opostos, racializando (dotando de raça) e gendrificando (dotando de gênero) cores, relações de trabalho, emoções e sujeitos. Tudo isso sem muitas pretensões de formalização linguística, de não sistematização dos saberes, constituindo um exemplo daquilo que Ferreira (2020, p. 23) chama de saberes linguísticos cotidianos.

4. Institucionalização dos saberes na/da infância

A história da leitura demonstra que as formas de ler os textos, individualizada ou coletivamente, foram ganhando distintos contornos com o passar do tempo. A leitura para crianças, seja na escola, seja no seio familiar, concorre com o enclausuramento típico das escolas (MAIA BRASIL, 2020, p. 64). Como atividade lúdica, essa prática chama os sujeitos, interpela-os a saber o que precisam saber e a obliterar o que precisam esquecer. Os livros, sobretudo os livros-biblioteca, institucionalizam e produzem memória sobre aqueles que são discursivizados como os primeiros conhecimentos: cores, animais (os extra-humanos), números, formas, saudações, opostos; mas também como se sentir diante de determinados sentimentos. E, assim, discursivizam-se mecanismos outros, que não envolvem “o que conhecer”, mas “como interpretar”: os dias se dividem em diferentes períodos (dia, tarde, noite), é necessário saudar interlocutores, há cores de objetos e de sujeitos e, por fim, nosso foco, é possível opor situações, tempos e também sujeitos e objetos.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Posições — 2**. Tradução por Manoel Barros da Motta, Maria Laura Viveiros de Castro & Rita Lima. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 93**, de 21 de dezembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del093.htm.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – I: de Gutenberg a Diderot**. Tradução por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 [2000].
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas**. Tradução por Jacqueline Léon, Marli Quadros Leite. São Paulo: Parábola Editorial, 2017 [2010].
- EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. **Discurso sobre alimentação nas enciclopédias do Brasil: Império e Primeira República**. Niterói, RJ: EDUFF, 2017.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O cotidiano na História das Ideias Linguísticas. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, SP, v. 23, n. 46, p. 4-30, jul./dez. 2020.
- FISHER-PRICE. **Minha pequena biblioteca**. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2018.
- FISHER-PRICE. **Quando estou...** Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2017.
- MAIA BRASIL, Maria Claudia. Criança. In: MEDEIROS, Vanise et al. **Almanaque de fragmentos: ecos do século XIX**. Campinas, SP: Pontes, 2020.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989**. Rio de Janeiro: Revan / Campinas: Editora Unicamp, 1998.



MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da Abralín**, v. 20, n. 2, p. 1-19, 20 jul. 2021a.

MODESTO, Rogério. Minicurso Arquivos da mestiçagem [comunicação oral]. III Encontro do Grupo Arquivos de Língua. 14 de julho de 2021b.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Tradução por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2006 [1983].

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v. 13, n. 19, p. 47-58, 2018.

SECCO, Lincoln. **A batalha dos livros: formação da esquerda no Brasil**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

SUAIDEN, Emir José. “A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação”. In: **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000.